
JORNALISMO E POLÍTICA: análise das narrativas do Jornal Folha de S. Paulo sobre a construção de sentido sobre o chavismo na Venezuela¹

Talita Furtado de Queiroz FRANCO²

Barbara Argôlo SOARES³

Antônio Sebastião da SILVA⁴

Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, MT

Resumo

O objetivo deste estudo é compreender como as narrativas do jornal Folha de S. Paulo se compõem como estratégias organizadoras do discurso jornalístico político ideológico decorridos no ano de 2013 na Venezuela após a morte de Hugo Chávez. A análise foi realizada em seis reportagens veiculadas no período de dezembro de 2012 a abril de 2013 aos quais expõem um intervalo em que a ideologia chavista estaria ameaçada de chegar ao fim. O propósito é expor os sentidos das personagens através do narrador, e demonstrar como o jornal Folha de S. Paulo configura e legitima personagens em discrepância de outros no decorrer da narrativa, buscando seu projeto dramático e visão de mundo. Desta forma, comparamos as reportagens publicadas no diário paulista, a partir do método da análise crítica das Narrativas.

PALAVRAS-CHAVE: América Latina; Venezuela; Narrativas Jornalísticas; Chavismo; Folha de São Paulo

INTRODUÇÃO

Nos anos 2000 criou-se uma ideia generalizada de que a América Latina havia adotado um discurso de esquerda, sobretudo em países como Brasil, Argentina, Venezuela, Bolívia, Equador, Uruguai, Paraguai, Peru e Chile. Líderes como Luiz Inácio Lula da Silva, Hugo Chávez, Evo Morales, Rafael Correa, Michelle Bachelet e Cristina Kirchner foram expoentes dessa nova configuração política latino-americana, nas páginas dos principais jornais e revistas brasileiras. Esse bloco de países “anti-neoliberalismo” se

¹ Trabalho apresentado na Ij 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 15 a 17 de junho de 2018.

² Estudante de Graduação de Jornalismo 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA). E-mail: enftec.talitafurtado@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 3º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA). E-mail: b.asoares1708@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Jornalista, mestre pela PUC/SP, Doutor pela Universidade de Brasília (UnB), e professor do Curso Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA). E-mail: antoniosilva@gmail.com

consolidava mais forte em um momento que o discurso de esquerda ainda vivia numa crise entre discurso e prática.

Um dos ícones deste movimento social na América Latina, o chamado chavismo ganha destaque na política regional com protagonismo nas disputas na defesa do socialismo bolivariano⁵, implantado na Venezuela, na década de 90 liderado pelo presidente Hugo Rafael Chávez Frias, com modelo de governo nacionalista e com posições contrárias ao modelo neoliberal. O líder boliviano se define como inimigo definido os Estados Unidos e, por vezes, dos países centrais na economia Europeia. O presidente venezuelano conseguiu reunir bloco importante de países na região para defesa de um modelo social voltado para a região, como Bolívia, Equador, Argentina, Cuba e Brasil, uns mais outros menos determinados nas suas propostas sociais. Chávez ao tomar o poder promove alterações significativas nas instituições ligadas ao Estado venezuelano, dentre elas os meios de comunicação, além de obter o apoio do poder militar e judiciário.

Hugo Chávez com origem familiar política ganha destaque nas disputas globais, sobretudo envolvendo sua oposição ao imperialismo, diante de sua retórica e enfrentamento com os países neoliberais e com hegemonia econômica mundial. Nascido no ano de 1954, no estado de Barinas (cerca de 450 km de Caracas), Hugo Chávez, personagem midiático, em torno do qual, constrói-se o modelo político chavista como antagonista da política hegemônica global, concluiu os estudos superiores e tornou-se mestre em Ciências Políticas. Sua família apresentava ativa participação política: seu pai era membro da Copei (Comitê de Organização Política Eleitoral Independente), e o seu irmão mais velho foi militante de esquerda, iniciando muito jovem ainda na vida política, quando intermediou, na década de 1970, encontros com grupos e partidos de esquerda. Chávez se candidatou à presidência da República em 1998, pelo Movimento Quinta República (MVR), com grande apoio entre as classes mais baixas da população, com um discurso contrário aos partidos políticos tradicionais e à democracia representativa, propondo, assim, um modelo alternativo de uma democracia mais participativa (SALGADO, 2013).

A eleição de Hugo Chávez em 1999 dá início às mudanças e rupturas profundas no esquema político e democrático da Venezuela. Desde então, o termo “chavismo”

⁵ O termo bolivarianismo provém do nome do general venezuelano do século 19. Simón Bolívar, que liderou os movimentos de independência da Venezuela, da Colômbia, do Equador, do Peru e da Bolívia. Convencionou-se, no entanto, chamar de bolivarianos os governos de esquerda na América Latina que questionam o neoliberalismo e o Consenso de Washington.

aparece muitas vezes como síntese descritiva da totalidade dos processos de mudança político-social. Chávez foi determinante para a sustentação dessa revolução, e se constituiu em uma figura imprescindível de continuidade, durante momentos dramáticos de seu governo e decisivos para o processo.

Salgado (2013) afirma que no período, também se evidenciou a situação do país, após a repercussão das profundas crises e reformas neoliberais, ocorridas durante os anos 1990, que aumentaram a desigualdade social – na América Latina e em grande parte dos países fora dos grandes centros econômicos. Os mais diversos setores populares, urbanos e camponeses, depositaram então suas esperanças em um militar que, anos antes, tentou tomar o governo por meio das armas, e que se apresentou como alternativa aos fracassos dos políticos tradicionais, reproduzindo modelos políticos e econômicos globalizados, tendo como centro de poder hegemonicamente Estados Unidos e países Europeus.

O personagem frequentemente nas narrativas midiáticas, assumindo papel de enfrentamento com o modelo neoliberal, em 2012, dois meses após ser reeleito com 54% dos votos para seu quarto mandato anunciou a volta de câncer, na região pélvica, embora houve anúncio de sua superação da doença. Sem condições de Chávez estar na presidência e em tratamento em Cuba, o vice-presidente, Nicolás Maduro, assume o comando do país.

Neste período muito se falava sobre seu estado de saúde e os resultados do tratamento. Diante disso, muito se especulava sobre a sobrevivência do chavismo, caso Chávez viesse a morrer. Porém, apesar de importante para a compreensão da revolução bolivariana⁶, ao centrar suas atenções no “fenômeno Chávez”, nestes tempos de possível desequilíbrio político em seu país, sem o presidente popular, ignorara-se a importância das relações entre manifestações, mobilizações e organizações sociais para impulsionar e sustentar o processo. À rigor, esta mesma mobilização popular derivada do seu falecimento demonstrou a sua popularidade e a possibilidade de continuidade do chavismo, nos próximos anos na Venezuela (Araújo, 2013)⁷.

⁶ Termo utilizado para designar as mudanças políticas, econômicas e sociais iniciadas no ideário do libertador Simón Bolívar e tem como objetivo chegar a um novo socialismo. Aqueles que se fazem chamar *bolivarianos* dizem seguir a ideologia expressa por Simón Bolívar nos documentos da Carta de Jamaica, o Discurso de Angostura e o Manifesto de Cartagena, entre outros documentos. Entre suas ideias estão a promoção da educação pública gratuita e obrigatória e o repúdio à intromissão estrangeira nas nações americanas e à dominação econômica europeia. Propõe, principalmente, a união dos países latino-americanos.

⁷ ARAÚJO, Rafael. É possível um chavismo sem Chávez? Um balanço histórico da revolução bolivariana e do futuro político venezuelano. Brasil, Caderno do Tempo Presente - UFS, Sergipe, n. 11. 2013.

Dito isso, a pesquisa está centrada nesse período destes acontecimentos nas reportagens do jornal *Folha de S. Paulo*, no sentido de compreender a configuração das vozes das fontes do diário paulista nas intrigas estabelecidas neste contexto, envolvendo os conflitos políticos, durante o período de anúncio da morte de Hugo Chávez e o anúncio do fim do modelo chavista na América Latina.

Em essência, neste texto objetivamos verificar a composição da trama do narrador para a construção de uma matriz narrativa, no cenário político da Venezuela e reflexos na região, na qual começa a emergir com mais entusiasmo o neoliberalismo, tendo como protagonismo os Estados Unidos da América. Para tanto, observamos que na disputa pelas estórias⁸ e organização do discurso, articulam personagens e vozes, com performances capazes de estabelecer, legitimar e determinar verdades a serem levadas ao leitor brasileiro e latino-americano. Com essa proposta, a metodologia que conduzirá a nossa análise está na ordem da análise crítica da narrativa, de Luiz Gonzaga Motta (2013) para quem a narrativa busca compreender como os homens criam representações e apresentações do mundo, a fim de gerar o sentido no espectador, como analisaremos mais adiante.

Como nosso objeto de análise, o Jornal Folha de S. Paulo é um veículo diário de circulação nacional, de grande tiragem, considerado um dos mais influentes do Brasil e que apresentam uma ascendência sobre a opinião pública⁹.

Nesta abordagem, o presente trabalho deverá descortinar discursos do jornalismo brasileiro no convencimento de seus leitores brasileiros e outros países da região, tendo como estratégia narrativa a composição das fórmulas simbólicas na defesa de modelo, com base econômica que mudará a paisagem política na América Latina, com governos que se alinham a países de economia centralizada, hegemônicos no processo de globalização, razão pela qual se estabelece os conflitos da narrativa no jornal paulista.

Motta (2013) descreve que narrar não é apenas contar ingenuamente uma história, é uma atitude argumentativa, um dispositivo de linguagem persuasiva, sedutor e envolvente. Para ele narrar é uma atitude, pois, quem narra quer produzir certos efeitos

⁸ Como se nota estória sem o “H” foi uma forma encontrada para demonstrar o contraste com o trabalho do historiador, que se debruça com pesquisa de documentos organizados ao longo do tempo, na busca da verdade, possível diante de métodos de análise sistematizado. O jornalismo com a pressão do tempo, se define como aquele que narra o acontecimento de modo imediato, que está em desenvolvimento no tempo presente.

⁹ SILVA, Antônio Sebastião. Mídia e representação social: vozes protagonistas da narrativa política latino-americana no jornalismo brasileiro. IX Seminário da Asociación Latino-americana de investigadores de la comunicación, Goiânia, 2017. p. 3.

de sentido através da narração. Como afirma o autor, “as narrativas criam significações sociais, são produtos culturais inseridos em certos contextos históricos, cristalizam as crenças, os valores, ideologias, a política, a cultura, a sociedade inteira” (MOTTA, 2013, p.131).

As narrativas enquanto objeto e processos podem ser estudadas em três instâncias expressivas, como afirma Motta (2013). Como explica, “na prática comunicativa corriqueira os indivíduos não percebem essa divisão, [...] elas ocorrem de forma superposta uma às outras, e o sentido é deduzido de forma intuitiva, unitária e pressuposta” (MOTTA, 2013, p.144). Porém, nesta análise como técnicas de a análise do objeto, faremos a separação metodológica destas instâncias. São elas: 1) plano da expressão (linguagem ou discurso); 2) plano da estória (ou conteúdo); 3) plano da metanarrativa (modelo de mundo, ideologia).

Neste sentido, as personagens (fontes do jornal) que dão tessitura a trama nas matérias da Folha de S. Paulo, participantes da sociedade, com papel fundamental na construção de discursos difundidos pelo veículo, usando seu poder de voz para tornar-se um agente da narrativa, os quais têm representatividade política e social, responsável pela legitimação das verdades consensuais, diante de seu lugar de fala. O narrador, na seleção das personagens, conduz os enunciados das intrigas, os quais, assumindo papel e representação na narrativa, de modo a ordenar a estória, diante dos conflitos que geram sensações nos leitores, considerando os desequilíbrios sociais narrados.

Mais adiante retornaremos com aprofundamentos sobre questões metodológicas, sendo importante destacar, em síntese, que, “Narrar não é, portanto, apenas contar ingenuamente uma história, é uma atitude argumentativa, um dispositivo de linguagem persuasivo, sedutor e envolvente” (MOTTA, 2013, p.74).

Política, mídia e comunicação

A mídia é, nas sociedades contemporâneas, a principal ferramenta de propagação das visões de mundo e dos projetos políticos. Dessa forma, é o local em que estão expostas as diversas representações do mundo social, associadas aos diversos grupos e interesses presentes na sociedade. O problema é que os discursos que ela veicula não conseguem atender a pluralidade de perspectivas e interesses presente na sociedade. As vozes que se fazem ouvir na mídia são representantes das vozes da sociedade, mas esta representação possui viés de verdade e poder.

Neste sentido, Pierre Bourdieu (1989) explica que o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo. Os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social, enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação. Eles tornam possível o consenso acerca do sentido do mundo social, que contribuiu fundamentalmente para a reprodução da ordem social.

A comunicação humana pertence a um processo simbólico de interação social, desta forma, se define o agir dentro de uma estrutura repleta por símbolos legitimados coletivamente. Neste sentido, os símbolos estruturam previamente o contexto social em que pessoas se comunicam, num processo de interação.

Thompson (2002), argumenta também nesta direção teórica, quando afirma que poder simbólico é como a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações e crenças dos outros e de criar acontecimentos, através da produção e transmissão de formas simbólicas. Salienta ainda que, aqueles que anseiam conquistar poder político, ou exercê-lo de maneira durável e efetiva, precisam valer-se do poder simbólico, a fim de cultivar e sustentar a crença na legitimidade. O autor analisa que a atividade simbólica como uma característica penetrante da vida social.

Na produção de formas simbólicas, os indivíduos se servem destas e de outras fontes para realizar ações que possam intervir no curso dos acontecimentos com consequências as mais diversas. As ações simbólicas podem provocar reações, liderar respostas de determinado teor, sugerir caminhos e decisões, induzir a crer e descrever, apoiar os negócios do estado ou sublevar as massas em revolta coletiva. (THOMPSON, 2008, p. 24)

Contextualizando, o poder que a mídia possui possibilita-nos a ter uma dimensão simbólica irreduzível, entrelaçados com a produção, o armazenamento e a circulação de materiais significativos, nesta relação entre os que produzem e recebem, avalia Thompson. É necessário, como aponta, fazer uma reflexão deste poder simbólico e não apenas ater-se a aspectos técnicos dos meios. Portanto, é indispensável olhar para a mídia como um palco de disputa de poder simbólico. Através dela, “os líderes políticos se relacionam com os cidadãos comuns, ela se torna assim o meio principal por meio do qual os líderes políticos acumulam capital simbólico no campo político mais amplo”. (THOMPSON, 2002, p. 139).

A cultura dominante, segundo Bourdieu (1989), contribuiu para a integração real da classe dominante; para integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à

desmobilização das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções.

Motta explica que, “os discursos narrativos midiáticos se constroem através de estratégias comunicativas (atitudes organizadoras do discurso) e recorrem à operações e opções (modos) linguísticos e extralinguísticos para realizar certas intenções e objetivos.”¹⁰ O autor informa ainda que a organização das narrativas midiáticas não são um ato aleatório, busca-se desenvolver conceitos ao leitor. “Realiza-se em contextos pragmáticos e políticos e produzem certos efeitos (consciente ou inconscientemente desejados)”¹¹. Ressalta que, quando o narrador idealiza um discurso em forma de narrativa, “ele introduz necessariamente uma ‘força ilocutiva’ responsável pelos efeitos que vai gerar no seu destinatário”. Motta afirma ainda que:

A partir desse entendimento nos damos conta de que as narrativas midiáticas não são apenas representações da realidade, mas uma forma de organizar nossas ações em função de estratégias culturais em contexto. As narrativas e narrações são dispositivos discursivos que utilizamos socialmente de acordo com nossas pretensões. Narrativas e narrações são forma de exercício de poder e de hegemonia nos distintos lugares e situações de comunicação (MOTTA, 2013, p.3)

Narrativas jornalísticas para concepção da realidade

O recorte de análise se refere aos meses de dezembro/2012 a abril/2013¹², com os acontecimentos-intriga, período que envolve o anúncio da volta do câncer e morte de Hugo Chávez, disputa entre governo e oposição sobre quem assumiria a presidência da Venezuela, sobretudo a sobrevivência do chavismo, no pós-morte de seu idealizador. Deste modo, a análise da narrativa será dividida em partes distintas, que chamaremos aqui de episódios, por se referirem ao mesmo acontecimento temático.

Dessa forma, a metodologia aplicada será fundamentada na Análise Crítica da Narrativa, de Luiz Gonzaga Motta (2013). Os planos fundamentais de verificação da pesquisa definem-se como de: a) expressão; b) estória; c) metanarrativa. Inicialmente, analisar a construção de linguagem, “através da qual o enunciado narrativo é construído

¹⁰ MOTTA, Luiz Gonzaga. A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais. São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

¹¹ Ibidem

¹² As matérias relacionadas no artigo localizam nos jornais impressos, no caderno: Mundo no diário paulista Folha de S. Paulo, em conformidade com datas destacadas no texto.

pelo narrador (seja a linguagem visual, sonora, verbal, gestual, multimodal, etc.). Plano do discurso propriamente dito” (MOTTA, 2013, p. 136); depois, a estória “É o plano virtual da significação em que uma realidade referente é evocada pelo texto narrativo através de sequências de ações cronológicas e causais desempenhadas por personagens, estruturando uma intriga (enredo ou trama). É o plano de conteúdo” (idem, p. 137). Neste tópico, para efeito de análise, os personagens na configuração da narrativa pelo narrador ganham performance de; a) protagonistas; b) antagonistas; e, c) adjuvantes - tanto dos protagonistas como antagonistas. Por fim, a metanarrativa que diz respeito ao

plano da estrutura profunda, relativamente mais abstrato e evasivo, que evoca imaginários culturais. Plano em que temas ou motivos de fundo ético ou moral integram as ações da estória em uma estrutura compositiva cultural pré-textual, de caráter antropológico”, de formação ideológica. (idem, p.138)

Para Silva (2017), “outras categorias de análises importantes serão os pontos de virada, o qual definem as transformações no rumo da estória, considerando fatos novos que geram novos sentidos e traduções dos narradores na condução da narrativa. O jornalismo na sua missão de informar conduz o texto com sentido que avança no tempo, de modo que se resolva no período pesquisado, conforme recorte, o que não significa o começo ou fim das intrigas”.

De acordo com Motta (2007), o enquadramento predominante no jornalismo político é o dramático, o qual não é inventado pelo jornalista, mas sim, desenvolvidos na cultura da sociedade que se organiza naturalmente de maneira narrativa. Para ele o enquadramento dramático “permite, sendo objetivo, revelar, amplificar ou instituir conflitos, tensões, clímax; heróis e vilões; bons e maus homens [...]”, aqui em que há o uso do poder simbólico de modo a levar o leitor a obter empatia com discursos reconhecidos e afirmados por enunciados midiáticos ao longo do tempo, resultando, assim, em consensos. O autor acrescenta ainda que “é a forma natural que jornalistas utilizam para apresentar e constituir a realidade política”.

Importante se faz a abordagem das narrativas no cotidiano do leitor, uma vez que, estas são representações da realidade.

A consciência humana é um fluxo contínuo no tempo e encontra nos jornais ou telejornais diários flashes fragmentados e justapostos que apenas informam que há um processo em marcha, mas jornalistas e receptores estão continuamente procurando os enquadramentos dramáticos (narrativos) que ordenem o caos, estabeleçam ordens temporais, causas e consequências, antecedentes e consequentes,

sínteses que tornem as histórias compreensíveis (MOTTA, 2007, p.09.)

Disputas simbólicas pelo poder

Após se reeleger para seu 4º mandato no ano de 2012, Hugo Chávez fez o anúncio que voltaria a Cuba para tratamento de um câncer, que reincidira após ter sido considerado curado. Entra em disputa o futuro do chavismo com a ausência do seu idealizador no campo político, em fase aguda de seu tratamento contra o câncer, realizado em Cuba, país sob o comando do líder comunista Fidel Castro. No dia 10 de dezembro de 2012 com destaque de capa, o diário paulista evidencia a fala de Hugo Chávez em enquadramento dramático, de que “pela 1ª vez câncer pode pôr fim ao seu governo” (10/12/2012, p. A1), e como consequência do chavismo, ainda que restassem dúvidas sobre este desdobramento, sinalizando mudanças no cenário político latino-americano. Chávez no poder há mais de 14 anos, na confirmação de sua ausência, o seu sucessor imediato deveria ser o vice-presidente Nicolás Maduro, defensor imediato da herança bolivariana. Para o jornal “abre um período de incertezas” (Idem), com a perspectiva de novas eleições, o que para a oposição “É muito importante” (Idem) na voz de Ramón Azeledo da MUD (Mesa de la Unidad Democrática) [partido político da coalizão opositora].

Dando seguimento, quase dois meses depois, na sua trama a Folha de S. Paulo destaca na capa que “Posse de Chávez é adiada por tempo indeterminado” (09/01/2013, p. A1), o que segundo a estória, mantém no país “um cenário de indefinição” (idem). Na tessitura da narrativa o jornal configura as vozes das personagens em conflito, no sentido definir o fio da trama. Para o governo, o ato de posse de Maduro seria “uma mera formalidade” (idem) e para oposição uma decisão inconstitucional. A Organizações dos Estados Americanos (OEA) no jornal paulista julgou ser “grave violação constitucional qualquer cenário que não seja a posse do presidente da Assembleia Nacional até as novas eleições” (idem). A essa altura na narrativa, o jornal Folha de S. Paulo avalia se realmente Hugo Chávez voltará ao poder político da Venezuela.

Quase três meses após o anúncio da volta do câncer no líder venezuelano, surge um acontecimento como importante ponto de virada da narrativa do jornal com ampla repercussão política. Como conta o narrador o: “Câncer mata Hugo Chávez, 58, líder populista da Venezuela” (06/03/2013, capa). Na imagem da narrativa, de meia página de capa, o jornal paulista expõe imagem do venezuelano com mãos para o alto, em forma de avante, num sinal de força para o povo, que o marca como um governo do povo, com a

tradicional camisa vermelha, revelando sua ideologia de esquerda. Ao fundo, as marcas do comunismo na imagem desfocada de Che Guevara, membro memorável da Revolução Cuba em 1959, enfrentando posteriormente o poder dos Estados Unidos no governo da Ilha caribenha. Desta forma, na narrativa, o jornal expõe signos de posição política e ideológica do personagem transformado em herói pela população.

Na narrativa interna do jornal (6/3/2013, p. 4 Especial), o destaque é para Nicolás Maduro, vice-presidente a quem seria imediatamente o seu sucessor, embora contestado pela oposição. Nas mãos está a carteira de trabalho desfocada, o que o narrador revela ser o discurso no representante do chavismo, que, seguindo os trâmites constitucionais deverá enfrentar a oposição com discurso mais próximo do governo neoliberal, com influência dos Estados Unidos.

A morte do líder “populista”, como descreve o narrador, embora esperado pelas personagens da trama, como resultado de debate de outras narrativas, vem à tona, na esteira da continuidade de enunciados pretéritos, com reflexos concreto na política do país da América Latina. Como descreve o narrador não há mais dúvidas, serão necessárias novas eleições presidenciais na Venezuela, de modo a respeitar o que estabelece a constituição do país.

Em uma das seis páginas voltadas para o líder Hugo Chávez, a narrativa se estende com seu enquadramento dramático, destacando-se no título “Vice tem desafio de manter chavismo unido” (Idem). Caso contrário, parece anunciar o narrador, de fato, será o fim do modelo de governo socialista bolivariano. Neste tom, o narrador aponta para o favoritismo de Nicolás Maduro, um “ex-motorista de ônibus, sem carisma, sem diploma universitário e com formações políticas em cuba” (idem). Diante das modificações políticas no país de domínio do chavismo, o jornal inicia configuração de seus personagens, de modo a colocar ao lado do candidato chavista “[...] Diosdado Cabello, militar reformado presidente da Assembleia, que é influente nos quartéis e nos negócios variados ligados ao governo[...] Rafael Ramírez, presidente da estatal petroleira PDVSA, que é o coração do projeto chavista” (idem), formando o núcleo que passa a ser responsável por articular politicamente em favor da manutenção da política defendida há tantos anos por Chávez.

Na impossibilidade de o vice assumir a presidência, o narrador conta que “analistas consideram que por pragmatismo político e pela comoção causada pela morte do esquerdista, as alas devem se unir em torno de eleger Maduro presidente” (idem),

tornando o cenário difícil para a oposição sempre com dificuldades para superar nas urnas a política popular do Chavismo. O personagem da disputa será novamente com Henrique Capriles representante da oposição com discurso mais à direita no espectro do bem-estar social, o qual havia perdido as últimas eleições para Chávez numa diferença de 7,2 pontos percentuais. No entanto, o narrador descreve que não se trata de um personagem político neste momento a desconsiderar, sem a figura de Hugo Chávez, líder carismático e com apoios regionais, cuja disputa recente recebeu importantes 44,3% dos votos dos venezuelanos” (idem), No entanto, desta vez o adversário, conta o narrador, será Nicolás Maduro, com pouca experiência nas disputas políticas sinalizando melhores condições na disputa, superando nas urnas o herdeiro do chavismo.

Dois dias após a morte de Hugo Chávez, o jornal mantém sua narrativa, com atenção ao futuro do chavismo, que depende dos resultados das eleições, embora o favoritismo seja de Maduro. Neste sentido, o narrador realiza a composição dos personagens na trama, de modo a estabelecer forças na busca pelo poder. O Jornal desta maneira, estampa na capa o título, “Missão das tropas é eleger chavista, diz chefe militar” (07/03/2013, p. A1), considerando a importância do apoio dos militares à manutenção da filosofia política chavista, de esquerda. No subtítulo, os ataques dos adversários do Chavismo, como estratégia de enfraquecer o sucessor de Chávez: “Para oposição, Forças Armadas não podem ter opção política” (idem), estabelecendo na narrativa o conflito em torno da sucessão entre governo e oposição. Nesta altura da estória, a oposição objetiva questionar, enfraquecendo o discurso das Forças Armadas na posição política de apoio ao chavismo.

Como está em disputa a presidência, os herdeiros do chavismo tomam rapidamente medida para resistir aos golpes da oposição e ainda com funeral de Hugo Chávez em andamento o jornal mantém seu foco na prioridade política do país, com o título “Maduro toma posse e nomeia genro de Chávez como vice” (09/03/2013, p. A1) e conta que este ato foi uma estratégia de manter viva a imagem do chavista, visando as próximas eleições ao qual diz o narrador “a nomeação de Arreaza [Jorge Arreaza, genro de Chávez] como número dois, amarra o novo governo à família Chávez” (09/03/2013, p. A18). Na trama, os personagens chavistas tentam se organizar para manter o sistema bolivariano no poder, impedindo a oposição de ganhar terreno. Com a medida, descreve o narrador, Arreaza “ganhou influência por ser casado com a filha mais velha do

esquerdista, Rosa Virgínia. Muitas vezes chamado por Maduro de “filho de Chávez” (idem), diz o narrador na configuração da trama.

O impasse sobre a posse do vice-presidente continua como ponto de intriga da narrativa. A oposição se mostra insatisfeita com a posse de Maduro e reclama o ataque à constituição na medida. Em conformidade com o “artigo 233 da Constituição, quem deve assumir no caso da morte de um presidente que não tomou posse é o presidente da Assembleia” (idem), descreve o jornal, demonstrado a ilegalidade da medida, como anunciada pela oposição.

Neste momento da estória, o jornal diz que o chavismo sobreviverá, pois dificilmente Nicolás Maduro não vencerá as eleições, com tamanha comoção que a morte de Chávez causou na população. Neste momento, entra em jogo na narrativa outro personagem que ganha destaque, os eleitores chavistas, que em grande número se mostram comovidos com a morte do líder de esquerda e desejam manter o modelo de governo chavista, com a sucessão do então o vice-presidente, eleito nas urnas.

O jornal paulista na busca da objetividade para cada narrativa, usando a estratégia de definir espaço que transpareça iguais condições de visibilidade, ainda assim, deixa escapar a sua composição da trama no decorrer da evolução da estória. Deste modo, como representante da esquerda latino-americana, o chavismo ganha performance de personagem antagonista. Como vai se tornando frequente as vozes de contestação da oposição, sinalizando medir forças com a herança de Hugo Chávez, recebe o papel de protagonismo, na voz cada vez mais frequente legitimada de Henrique Capriles.

No ferver do debate em torno da morte de Hugo Chávez que comoveu lideranças da região, as eleições transcorrem normalmente, em conformidade com a constituição do país. Assim, depois de muitas batalhas com discursos ideológicos, finalmente o resultado das urnas. Vence o chavismo, mas a narrativa ressalta que “Maduro vence por margem de 1,6%” (15/04/2013, p. A1), ressaltando uma derrota por diferença mínima de Capriles e apontando que o resultado “se encerrou com alta tensão política devido à demora para a divulgação”. O chavismo continua no poder, mas sai enfraquecido das urnas, e no comando da nação agora o político de pouca experiência que terá que enfrentar a oposição, também legitimadas pelas urnas, parece insinuar o narrador para o seu leitor.

Em complemento da narrativa de capa, o narrador destaca que a “diferença de menos de 300 mil votos” (15/04/2013, p. A8), evidenciando tempos difíceis para o chavismo. A rigor, o narrador lembra ironicamente conta que esta foi “a primeira vitória

do chavismo sem Chávez” (idem), sinalizando, desta forma, mais uma vez para o futuro incerto da política venezuelana. O jornal Folha de S. Paulo segue com seu projeto dramático destacando que em caso de questionamento da oposição o país poderia “mergulhar numa grave crise política” (idem), e descreve que “esta foi a primeira vez que “os opositores questionaram os números oficiais dos CNE (Conselho Nacional Eleitoral), o qual acusam de favorecer o governo” (idem).

Mais adiante o narrador expõe que “foi uma reviravolta em relação ao cenário previsto pelas pesquisas de opinião, que davam ao menos oito pontos a favor de Maduro” (idem). Mais uma vez o narrador usa retórica narrativa de que “Maduro começou a corrida eleitoral[...]como franco favorito, embalado pelo ambiente de comoção no país pela morte de Chávez” (idem), porém perdeu terreno no confronto com o discurso da oposição. Como retrata o narrador, a campanha de Maduro contou com um símbolo forte, a comoção de “por Chávez” e que “nem o governo nem o próprio candidato hesitaram em transformar os atos em odes político-religiosas ao esquerdistas, chamado de [Cristo redentor dos pobres]” (idem). Já Capriles diz o jornal brasileiro, se mostra o “mais experiente em sua segunda disputa eleitoral[...]governador de Miranda por duas vezes”. No futuro, parece sinalizar o narrador os tempos podem ser outros para o chavismo, sem a imagem do carismático e populista Hugo Chávez.

Por fim, a estória se encerra com a vitória de Nicolás Maduro, o chavismo no poder e uma dúvida que fica no ar, como sugere o narrador, até quando? Como resumo dos próximos capítulos, no enquadramento dramático, na tentativa de dialogar o sentido das mudanças política da Venezuela no futuro, o narrador deixa a construção da imagem do líder da oposição Capriles, quando “ele pediu a participação popular nas auditorias ao final da votação” (idem) e assim, deixa a entender, é possível admitir que iniciará uma nova estória e seu projeto dramático continua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que apresentamos teve como objetivo analisar as narrativas do jornal Folha de S. Paulo, compreender as estratégias narrativas na política, com atenção a forma da composição do núcleo de vozes das personagens a legitimar ideologia e poder, neste contexto, na trama venezuelana em período de conflitos e desequilíbrios da lógica sistêmica. No recorte, o período em que Hugo Chávez anuncia a volta de um câncer, que culmina com a sua morte e eleição de seu sucessor Nicolás Maduro. Como objeto a sobrevivência do chavismo na narrativa do jornalismo brasileiro, representado pelo diário

paulista. Para isso, buscamos entender a importância histórica polarização da política na Venezuela, a partir de aspectos que revelam o discurso em torno do processo de ordenação dos valores chavistas, a descortinar a disputa em torno do capital simbólico na política do país, com efeito na América Latina.

O projeto dramático elaborado pelo narrador diz respeito a composição de personagens de modo a evidenciar para o seu leitor, o processo pelo qual se encontra o chavismo na ausência de Hugo Chávez, que, por anos rivaliza com o modelo neoliberal no país venezuelano, com protagonismo político na região. O roteiro elaborado pelo diário paulista, seguido à risca, retrata os acontecimentos políticos e sociais na época, de forma a personificar o governo Chávez, e posteriormente Nicolás Maduro, como antagonistas, cuja narrativa hegemônica segue ideologia para a nação latino-americana com abertura econômica e transigente com a globalização, diferentemente de sua matriz de esquerda instalada no poder. Neste sentido, ganha destaque o cumprimento das leis e a própria oposição, no protagonismo, ainda que momentaneamente, na figura de Henrique Capriles, como representante da defesa da democracia e desenvolvimento social, o qual se posiciona como aquele capaz de enfrentar o Chavismo.

Nesta estória, a população tornou-se importante agente da narrativa do jornal paulista, dando, ao final, sequência ao projeto político implantado por Hugo Chávez, que se propõe pela valorização do Estado e do bem-estar social, como destacado pelo narrador como populista. Na disputa pelo poder o candidato chavista perdeu terreno para o adversário ao longo do tempo, enfrentando oposição que consegue impedir o avanço da comoção em torno do líder ausente, mas não o suficiente para demover seu legado de apoio popular. Neste contexto, ainda resta uma dúvida, qual seria o papel das histórias do jornalismo na construção e desconstrução do chavismo? A disputa, por certo, passa por outras narrativas, de um conjunto de narradores a legitimar e deslegitimar governos e símbolos históricos, como parece ser o caso da figura de Chávez e seu chavismo.

Por fim, as disputas e conflitos no jornalismo retratados, construindo a realidade social, na configuração de personagens, por vezes, não conseguem resultar efetivamente no mundo empírico, do cotidiano, a promover a conscientização de modelos hegemônicos, como se revela na narrativa do Jornal Folha de S. Paulo. O chavismo não morreu, como prova desta análise. Contudo, fica evidente sua importância como agente com capacidade de influenciar o seu público leitor, com efeitos na opinião pública, nos momentos de desequilíbrios sociais. A vitória de Maduro, com margem apertada, revela

por certo, a capacidade e poder da subjetividade impregnadas nas narrativas, não somente do jornalismo brasileiro. A rigor, mediante às interações à distância dos tempos modernos, a realidade possivelmente passe pelo crivo das narrativas, ordenadas em seus núcleos ideológicos.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Rafael. **É possível um chavismo sem Chávez? Um balanço histórico da revolução bolivariana e do futuro político venezuelano**. Brasil, Caderno do Tempo Presente - UFS, Sergipe, n. 11. 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CANCLINI, Néstor García. **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- MOTA, C. M.; MOTTA, L. G.; CUNHA, M. J. C. **Narrativas Midiáticas**. Florianópolis: Insular, 2012, p. 117-138.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora UNB, 2013.
- SALGADO, Thiago Santos. **A Folha de S. Paulo e o governo Hugo Chávez (2002-2005)**. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2015.
- SEABRA, Raphael. A revolução venezuelana: chavismo e bolivarianismo. Sociedade e cultura, 2010. < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70316920007> > Acessado em 07/05/2018.
- SILVA, Antônio Sebastião. **Mídia e representação social: vozes protagonistas da narrativa política latino-americana no jornalismo brasileiro**. IX Seminário da Asociación Latinoamericana de investigadores de la comunicación, Goiânia, 2017.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a Mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- TACHNER, Gisele. **Folhas ao Vento**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.